

Newsletter

Nº4 - Edição Trimestral - Fevereiro 2014



AULP

EX UNITATE VIS

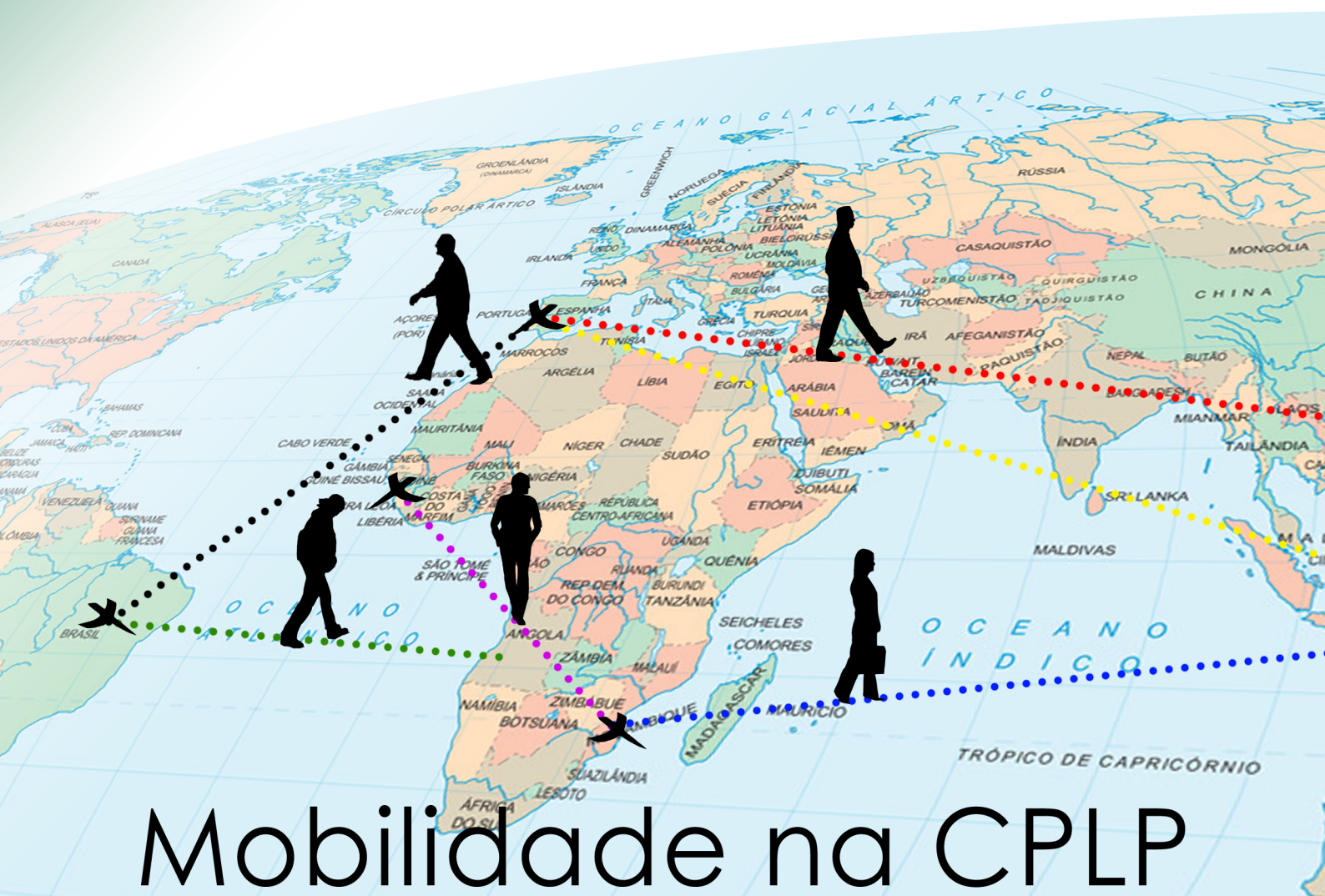
Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Novo projeto
Mobilidade na CPLP

Mobilidade de docentes
Entrevista a Filipa Subtil e Rui Simões

Estatuto do trabalhador estudante
Sabe como funciona em Portugal?

A internacionalização do cinema português
O ciclo de cinema "Harvard na Gulbenkian"



Mobilidade na CPLP

www.aulp.org

Av. Santos Dumont, 67, 2º
1050-203 Lisboa (Portugal)

Telefone: (+351) 217 816 360/8

Fax: (+351) 217 816 369

Email: aulp@aulp.org (Geral)
comunicacao@aulp.org (Gabinete de Comunicação)



Índice

Editorial

Artigos AULP

Programa de mobilidade na CPLP

Portal Conexão Lusófona

Plataforma Skan

Língua Portuguesa: a herança e a realidade cultural de muitos autores

Ciclo de conferências FCSH

Universidade Técnica de Angola consolida faculdade de engenharia

Segunda língua oficial

portuguesa: língua mirandesa

A internacionalização do cinema português

Vox Pop: filme português favorito

Vox Pop: estatuto do trabalhador estudante

4 Entrevistas

Rui Almeida Simões 18

Filipa Subtil 20

Secretário Executivo da CPLP,

Embaixador Murade Murargy 23

8 Artigo de Opinião

Ricardo Barradas 24

Cláudia Pacheco - Rota Jovem 25

Prémio Fernão Mendes Pinto

27

Ficha Técnica

Coordenação:

Teresa Botelho

Gabinete de Comunicação:

Marco Ferreira

Pandora Guimarães

Rodrigo Querido

Rosendo Cruz

Design:

Rosendo Cruz

Edição audiovisual:

Pandora Guimarães

Revisão de textos:

Pedro Barrias

Jorge Ferrão, Presidente da AULP

Editorial

Caros leitores,

Comemoraram-se, no passado dia 26 de novembro, os 27 anos da AULP - Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Mais um ano em que a AULP trabalhou para promover a cooperação entre instituições de ensino superior e para impulsionar o intercâmbio de docentes e discentes por todos os países da CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - e Macau. Para este ano, a AULP pretende continuar a promover essa cooperação e a mobilidade de docentes e discentes.

A nova imagem desta *newsletter* pretende reforçar a comunicação entre os associados com novos conteúdos e um novo grafismo que quer ser mais apelativo para vós, leitores. O dinamismo e a interatividade desta nova *newsletter* ajusta-se à AULP que trabalha diariamente para melhorar todos os seus objetivos. Esperamos que esteja de acordo com as vossas expectativas e que vá ao encontro do que pretendem conhecer acerca do que se passa na AULP.

A AULP tem efetuado diversos avanços no que toca à comunicação via redes sociais. O Facebook tem sofrido alterações às publicações, tendo em vista uma melhor visualização e também uma mais fácil consulta de conteúdos de interesse. O levantamento de notícias de relevo todas numa só publicação é um desses avanços que consideramos fundamental para uma melhor navegação. O mesmo é feito com bolsas de estudo e estágios para docentes e discentes. No Twitter temos diariamente atualizações acerca de notícias diversas, bolsas e estágios. Quanto ao sítio da internet, estão a ser disponibilizados cada vez mais conteúdos que dizem respeito a oportunidades de estudo e estágio em todos os países da CPLP e Macau.

Nesta edição trazemos como tema principal a mobilidade de docentes e discentes na CPLP. Sendo um dos principais objetivos da AULP, decidimos colocar este tema como assunto principal pois essa mobilidade é muito importante para a transmissão de conheci-

mentos entre estabelecimentos do ensino superior, promovendo também a internacionalização e o intercâmbio de docentes e discentes.

De entre os variados conteúdos abordados na *newsletter*, destacamos a reportagem sobre o estatuto de trabalhador estudante, o protocolo que a Universidade Técnica de Angola assinou com a empresa alemã LD Didactic e o Prémio Fernão Mendes Pinto 2014.

Ao longo deste ano foram dados passos importantes para a concretização de um projeto ambicioso por parte da AULP. Falo-vos de um plano de mobilidade destinado a estudantes de mestrado, doutoramento e pós graduação em instituições do ensino superior membros da AULP. O programa pretende assim fomentar o intercâmbio entre as diferentes instituições de ensino.

No próximo mês de junho decorrerá em Macau o XXIV Encontro Anual da AULP que irá debater assuntos importantes que se passaram ao longo do ano e tentará encontrar formas de melhorar a cooperação entre estabelecimentos de ensino superior tendo em vista a divulgação e partilha de conhecimento.



Programa de mobilidade na CPLP

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) está a desenvolver um programa de apoio à mobilidade estudantil entre instituições de ensino superior pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Macau.

A mobilidade estudantil tem sido uma das mais bem sucedidas experiências ao nível da cooperação entre instituições de ensino superior e tem servido como eixo estratégico da construção de espaços multiculturais. Deste modo, é fomentada a cooperação entre instituições, o conhecimento mútuo entre cidadãos e a construção de relações de paz e tolerância.

O Programa Erasmus (com 3 milhões de estudantes participantes em 26 anos) tornou-se a maior história de sucesso na construção da paz e de um sentimento de cidadania europeia. Idêntico efeito poderá vir a ser gerado pela participação de estudantes em programas de mobilidade entre as diversas instituições da AULP.

A concretização deste programa de mobilidade tem os seguintes objetivos:

- Promover a produção e disseminação do conhecimento da CPLP;
- Aprofundar o sentimento de pertença na CPLP e promover um maior reconhecimento das suas estruturas institucionais;
- Promover o conhecimento mútuo e a aproximação entre realidades de ensino superior com maturidades institucionais diferentes;
- Permitir que os estudantes beneficiem do plano educativo e cultural de outro país, mas pertencente à mesma comunidade linguística;
- Contribuir para o desenvolvimento de uma geração de jovens qualificados, com experiência internacional e com a abertura de espírito para a aceitação e compreensão das diferenças culturais;
- Criar oportunidades de inserção no mercado de trabalho através da realização de estágios em contextos culturais diferentes da instituição de origem;
- Criar oportunidades para as empresas absorverem recursos humanos qualificados com a criação de projetos de estágio específicos para o seu contexto empresarial.

Este programa de mobilidade destina-se a estudantes inscritos em mestrados, doutoramentos e pós-graduações em instituições de ensino superior membros da AULP e assentará em três linhas de atuação: "Estudos", "Empresas" e "Projetos específicos".

A modalidade "Estudos" implica reciprocidade no envio e receção de estudantes (5 estudantes Outgoing e 5 estudantes Ingoing por cada projeto). Já a modalidade "Empresas" destina-se a inserir estudantes de mestrado, doutoramento ou outras pós-graduações em atividades de empresas.

Caso se trate de mobilidade de estudantes para "Projetos específicos", as candidaturas estarão dependentes de financiamento comunitário ou de agências nacionais, que terão as especificidades determinadas por cada concurso.

A AULP vai ainda implementar um sistema de garantia de qualidade nas modalidades "Estudos" e "Empresas" para avaliar anualmente o funcionamento destas mobilidades.

A AULP encontra-se a desenvolver os esforços necessários para dar início ao projeto o mais brevemente possível.

O Programa Erasmus (com 3 milhões de estudantes participantes em 26 anos) tornou-se a maior história de sucesso na construção da paz e de um sentimento de cidadania europeia.



Portal Conexão Lusófona

“É essencial e subjacente à própria existência da Comunidade um melhor conhecimento e intercâmbio entre os jovens da Lusofonia”

Criado por jovens e desenvolvido para jovens. O portal Conexão Lusófona (CL) é uma plataforma virtual que visa promover as indústrias criativas e o encontro de pessoas e culturas do espaço lusófono. Esta é a primeira organização sem fins lucrativos constituída por jovens provenientes de países de língua oficial portuguesa. São jovens dos quatro continentes e estão empenhados na integração e construção da identidade cultural lusófona.

Numa visita à página do portal, podemos encontrar uma plataforma aberta e participativa que contém dados sobre emprego e formação, viagens e turismo, compras, música, entre outros temas. “O objetivo é aproximar os jovens cidadãos lusófonos, promovendo o conhecimento mútuo e as oportunidades num espaço de língua comum”, refere a CL.

Porquê este portal?

O grupo de jovens que fundou a Conexão Lusófona considera que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) ainda se encontra aquém do seu potencial no que diz respeito à adesão a um sentimento de pertença a um espaço linguístico comum. Isto deve-se à falta de laços entre as sociedades que a integram, em parte gerada pelo desconhecimento mútuo. “Achamos que o trabalho, no sentido da criação de uma consciência lusófona, no momento atual que vivemos, constitui uma oportunidade única para assegurar e fortalecer o futuro da



A Associação das Universidades de Língua Portuguesa assinou um protocolo com a Conexão Lusófona para reforçar o impacto da Associação junto da juventude da CPLP.

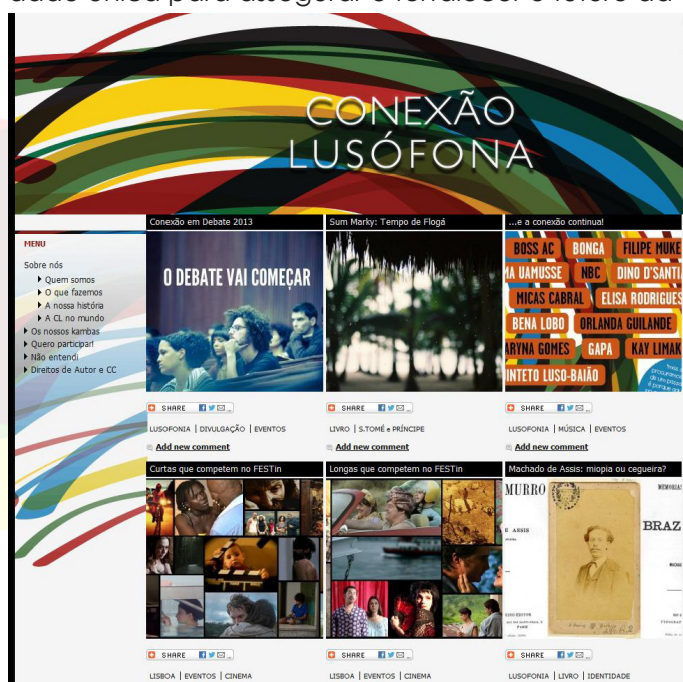
cooperação entre os povos de língua portuguesa”, revelou-nos a CL quando apresentou o seu projeto à AULP.

A Conexão Lusófona planeia auxiliar a mobilidade jovem dentro da CPLP. Para isso, a CL tentará recolher e divulgar informação sobre a circulação, os vistos, a rede de alojamentos disponível, os transportes e o custo de vida de cada país. Através do portal, o viajante poderá contactar pessoas da Conexão Lusófona no país de destino.

A CL pretende ainda criar um cartão especial, destinado ao jovem viajante da Comunidade, com descontos nas tarifas aéreas, no alojamento, na alimentação entre outras áreas.

Mais de 244 milhões de pessoas falam português, sendo a sua maioria jovens. “Sentimos faltar na web um lugar onde a juventude pudesse conhecer, refletir e viver a Lusofonia. Dada a desconfinidade geográfica do nosso espaço, a internet acaba por se traduzir num ponto de encontro, capaz de aproximar os jovens cidadãos da Lusofonia, contribuindo assim para a promoção de um conhecimento mútuo entre as sociedades que a integram”, CL.

O que é a Lusofonia? Veja o vídeo da Conexão Lusófona que responde a esta pergunta:



“Uma visita ao site da Conexão Lusófona traduzir-se-á numa experiência sensorial onde o cibernauta poderá saber mais sobre o passado, presente e futuro da Comunidade, segundo a perspectiva dos seus jovens de hoje, e dos seus líderes de amanhã”, CL.

Assunção Cristas, Ministra da Agricultura e do Mar de Portugal

“Acredito que muitos países vão querer participar e de forma muito ativa”

A plataforma SKAN - *Sharing Knowledge Agrifood Networks* - pretende promover a partilha de conhecimento e tecnologia entre a Europa, África e América Latina nos setores agrícola, alimentar e florestal.

“Este projeto surge por iniciativa da União Europeia, que sentiu a necessidade de uma maior interação com os países tropicais nas suas relações de ciência e tecnologia. A criação da plataforma surge delegada a Portugal pela proximidade com África”, revelou-nos Ana Melo, colaboradora do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).

A partilha será realizada de quatro formas: através do fortalecimento da ligação entre o meio científico e empresarial, ao potenciar o uso de recursos existentes, estimulando a elaboração de projetos internacionais em consórcio e auxiliando os agentes locais a garantir a sustentabilidade desses projetos.

A SKAN foi fundada pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, pela Universidade de Évora, de Trás-os-Montes e Alto Douro, pelo Instituto de Investigação Científica Tropical e pelo Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.

A plataforma foi lançada no passado dia 21 de janeiro.



SKAN
sharing knowledge agrifood networks

A AULP esteve presente no lançamento do projeto inovador SKAN.



Assunção Cristas, Ministra da Agricultura e do Mar de Portugal - “Estamos a fazer muito pelo nosso conhecimento, pelas nossas empresas, pela riqueza que queremos criar de forma sustentável. Estamos a fazer pelo futuro do nosso país, mas não só: de todos aqueles que a nós se queiram associar e connosco queiram aceitar este desafio de partilhar o conhecimento, de ensinar e aprender, que no fundo é o que nós melhor podemos fazer pela nossa vida e melhor podemos deixar para aqueles que aí vêm”.

Nuno Crato, Ministro da Educação e Ciência de Portugal - “A inovação produzida pela ciência e tecnologia originam melhores técnicas de produção e rega, sementes mais resistentes, melhor fertilização, melhor indústria de transformação agro-alimentar, melhor conservação, melhor respeito pelo ambiente. A inovação origina valor; a inovação gera riqueza”.



Ana Melo é colaboradora do IICT, um dos fundadores do projeto SKAN.



Nuno Crato discursou no evento, bem como o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Rui Machete.

No painel dedicado à realidade musical discutiu-se a importância que a palavra tem no processo criativo de uma melodia, chamando-se à atenção de que existem línguas mais estimulantes para cada tipo de música. Luís Tinoco, compositor português, explicou que não é por acaso que o jazz não é cantado em chinês ou que a música marcial case tão bem com a música alemã.

O compositor acrescentou ainda que um músico não se deve preocupar com o som das palavras, mas com a forma como o texto estimula as pessoas que o vão ouvir. É por isso que defende que, por vezes, para trabalhar há que abdicar de aspetos estritos da cultura portuguesa: “A minha pátria língua está seguramente naquilo que é a herança que nos deixam os nossos escritores – a relação afetiva que consigo estabelecer com eles é irrepetível com autores estrangeiros”.

Ângelo Correia, mais conhecido por Boss AC, defendeu que só faz sentido cantar na língua materna se percebermos tudo o que está a ser dito: "É um desafio escrever em português porque é uma língua muito fechada".

José Miguel Wisnik, autor, compositor e professor de Literatura da Universidade de São Paulo, acrescentou que o português é uma língua difícil para quem escreve músicas. “O português que se fala aqui é mais gutural, cria uma série de percussões surdas. O do Brasil estabiliza as vogais, o que deixa que as sílabas durem - é como uma orquestra em que se ouvem as cordas e os sopros”, explicou o convidado do painel moderado pelo musicólogo Rui Vieira Nery.



Nos dias 27 e 28 de janeiro discutiram-se as possibilidades de criação com a língua portuguesa na Fundação Calouste Gulbenkian.

Já na sessão sobre a criação literária falou-se sobretudo sobre a forma como a língua portuguesa é um referente cultural para quem a trabalha. Mário de Carvalho, conhecido escritor luso, foi mais além e afirmou que o português é um reservatório de memória e tradição como a própria literatura. “A memória também está nas palavras porque elas transportam uma história, carregam o grego e o árabe”, explicou o autor no painel em que estiveram também o tradutor americano Richard Zenith, Nuno Artur Silva e o escritor cabo-verdiano Germano de Almeida.



Painel da Criação Literária. Da esquerda para a direita: o escritor Germano Almeida, a cronista Tatiana Levy, o ensaísta Richard Zenith, o professor António Feijó, o escritor Mário de Carvalho, o produtor Nuno Artur Silva e a investigadora Golgona Anghel.

Mário de Carvalho partilhou com a audiência que já ganhou o Prémio Pégaso, atribuído a línguas com pouca projeção - apesar de a língua portuguesa ser uma das mais faladas no mundo. O escritor ironizou ainda que a língua portuguesa foi comparada com a kiwi, um dialeto falado na Nova Zelândia que ganhou o prémio anteriormente.

O acordo ortográfico não passou despercebido durante este encontro. Nuno Artur Silva, o apresentador do Eixo do Mal, defende que discutir o acordo ortográfico é irrelevante: «Eu acho que o erro ortográfico é uma coisar menor. A ortografia é uma

questão estética, uma convenção». Apesar de a língua brasileira ser uma variante do português, Nuno Artur Silva acredita que no futuro todos vamos escrever em brasileiro e que o português vai ser uma variante regional da língua brasileira.

Certo é que a língua portuguesa esteve em debate nestes dois dias. Muito se discutiu sobre as potencialidades da língua de Camões e sobre o seu futuro. Descobriram-se experiências, dificuldades e expectativas de quem usa e estuda a língua portuguesa e sabe o que ela tem de único e de virtuoso para o mundo.



Painel da Música. Da esquerda para a direita: o compositor Alexandre Delgado, o compositor Luís Tinoco, o ensaísta José Miguel Wisnik, o professor Rui Vieira Nery, o encenador Tiago Torres da Silva, o compositor Pedro da Silva Martins e o cantor Ângelo César (Boss AC).

“Os estudantes deviam estudar em Portugal num meio internacional”

As palavras são de António Rendas, presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) e Reitor da Universidade Nova de Lisboa, que foi um dos dois oradores convidados para falar sobre “Educação e Universidade”. A conferência teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/Nova) no passado dia 22 de janeiro e o outro orador foi Alberto Amaral que é o atual presidente da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES).

O ciclo de conferências “Revolução e Democracia” quer debater as mudanças da sociedade portuguesa desde o 25 de abril de 1974 e reforçar a ligação entre gerações, universidades e comunidade.

A primeira conferência foi moderada pelo diretor da FCSH, João Costa. Os oradores escolheram caminhos diferentes de análise. António Rendas falou de medidas governamentais e europeias que deram melhores condições ao ensino superior, já Alberto Amaral apresentou dados estatísticos acerca da evolução do ensino superior em Portugal.

A destacar alguns apontamentos por parte dos oradores. O presidente do CRUP indicou dois marcos importantes no desenvolvimento do ensino superior: a reforma de Veiga Simão e o Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES).



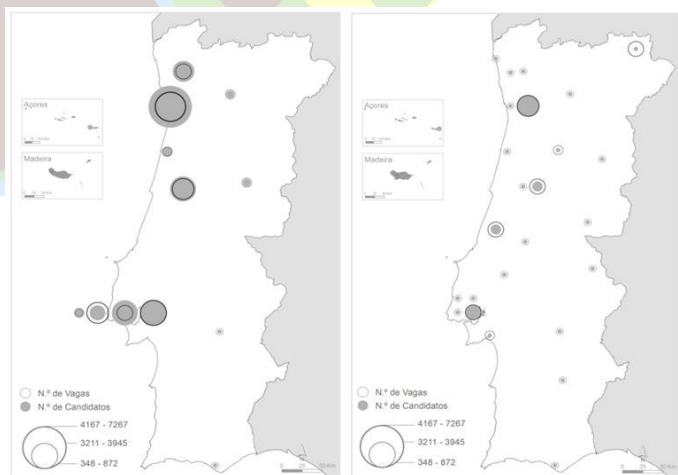
“Revolução e Democracia” é o nome do ciclo de conferências da FCSH dedicado ao quadragésimo aniversário do 25 de abril.

Para António Rendas é importante que os estudantes possam estudar em Portugal mas num meio internacional e, para isso, acrescenta que têm de ser dados alguns passos para que caminhemos no sentido de um melhor ensino e uma melhor oferta curricular. Os passos a que se referiu são: formalizar contratos com a Ásia para reconhecimento de graus obtidos e fazer com que os vistos tenham uma duração superior a seis meses.



“Educação e Universidade”, a conferência que abriu o ciclo “Revolução e Democracia”. Foi a primeira das 11 conferências que a FCSH programou para os próximos meses.

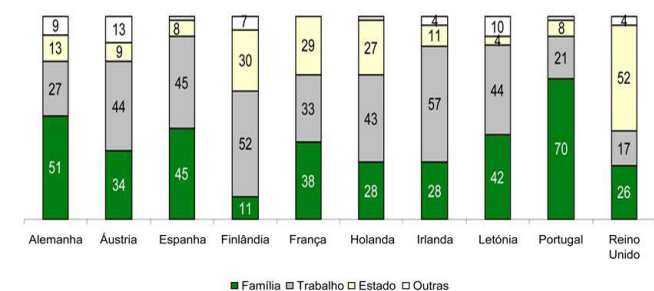
Alberto Amaral quis defender que não se pode parar de investir no ensino nem na investigação e que, infelizmente, o atual governo português tem feito uma política destrutiva nestes aspetos. O presidente da A3ES reforçou que tem de se desenvolver medidas contra a desertificação do interior, que está a ficar completamente desprotegido, rareando os alunos que queiram estudar naquele local, preferindo o litoral do país.



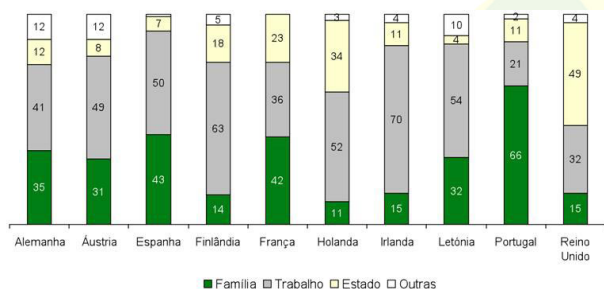
Universidades Públicas

Politécnicos Públicos

Alberto Amaral realçou que em Portugal o setor público é muito mais qualificado do que o privado. Outro problema é a falta de apoios do Estado para os estudantes, isto porque, segundo os dados apresentados, mais de 60% do financiamento dos estudos é feito por parte das famílias.



Nível relativo de fontes de rendimento para estudantes que **não** estão em casa dos pais, 2004. Fonte: CIES-ISCTE, Eurostudent 2005



Nível relativo the fontes de rendimento para estudantes que **ficam** em casa dos pais, 2004. Fonte: CIES-ISCTE, Eurostudent 2005

Está marcada para o próximo dia 25 de fevereiro às 18h30 a conferência com o tema "Proteção Social e Desigualdade", tendo como oradores Eugénio Fonseca (presidente da Cáritas Portugal) e José Vieira da Silva (ex-Ministro do Trabalho e Solidariedade Social).

Plano das conferências temáticas mensais. FCSH/NOVA, Auditório 1, Torre B, 18h00 – 19h30

	Tópico	Conferencistas	Data
1	Educação e Universidade	António Rendas e Alberto Amaral	22 Janeiro
2	Protecção Social e Desigualdade	Eugénio Fonseca e José Vieira da Silva	25 Fevereiro
3	Ideologia, Partidos, Militância	Zita Seabra e Augusto Santos Silva	26 Março
4	Democracia	Mário Soares e Francisco P. Balsemão	22 Abril
5	Trabalho, Economia, Globalização	João Ferreira do Amaral e Carvalho da Silva	27 Maio
6	Arte e Cultura	António Pedro Vasconcelos e Manuel Alegre	24 Junho
7	Participação e Movimentos Cívicos	Helena Roseta e José Manuel Tengarrinha	3 Julho
8	Portugal no Mundo	Seixas da Costa e José Medeiros Ferreira	23 Setembro
9	Jornalismo, Liberdade de Expressão e Comunicação	Mário Mesquita e Diana Andringa	28 Outubro
10	Território e Poder Local	Nuno Portas e João Ferrão	25 Novembro
11	Religião, Tolerância e Pluralismo	Sheikh Munir e D. Manuel Clemente	19 Dezembro



António Rendas é Reitor da Universidade NOVA de Lisboa desde 2007 e Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) desde 2010. Licenciado pela Faculdade de Medicina de Lisboa (1972) e doutorado pelo "Cardiothoracic Institute" da Universidade de Londres (1977), na área de Patologia Experimental.



Alberto Amaral é presidente da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) e ex-Reitor da Universidade do Porto. É investigador do Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior (CIPES), do qual já foi director.

Vitorino Reis, Reitor da UTANGA

“Entrámos numa fase em que a nossa principal preocupação é a consolidação da qualidade”

A Universidade Técnica de Angola (UTANGA) quer consolidar a faculdade de engenharia. Para isso, assinou no passado dia 9 de janeiro um contrato com a empresa alemã LD Didactic. O novo edifício de oito pisos vai possuir uma área reservada para os dezas-sete laboratórios que resultam desta parceria.

“Foi um investimento que ronda os 6 milhões de dólares”, revela Vitorino Reis. Os laboratórios deverão ser montados nos próximos 6 meses e irão cobrir várias áreas como física, química, biologia, eletricidade, eletromecânica, informática e oficinas.

No entanto, os alunos só deverão poder usufruir das novas instalações em 2015, pois numa primeira fase será necessário formar o corpo docente. O reitor acrescenta que o protocolo com a LD Didactic prevê ainda o envio de docentes da universidade para formação na Alemanha. “Paralelamente a isso estamos a capacitar já o nosso corpo de docentes no que diz respeito à qualificação académica. Temos em Portugal um protocolo com a Universidade de Lisboa e neste momento já temos onze bolseiros a fazer mestrado no Instituto Superior Técnico”.

A UTANGA nasceu há sete anos e está numa fase de internacionalização e expansão. “No nosso plano de desenvolvimento institucional em vigor, que vai de 2011 a 2015, um dos objetivos é a criação de um curso de agronomia ou agricultura”, acrescenta Vitorino Reis. Luanda e Bengo não oferecem cursos nessa área, sendo assim fundamental para a universidade suprimir esta lacuna até 2015.

Atualmente, a universidade tem aberto um concurso público para admitir novos docentes, mas Vitorino Reis afirma que uma das filosofias da universidade é promover os seus próprios formandos. “De fora vamos captando os bons, e internamente vamos promover os melhores”.



A AULP foi saber quais os planos da UTANGA para o futuro, numa entrevista ao Reitor Vitorino Reis.



A apresentação de alguns dos equipamentos fornecidos pela LD Didactic à UTANGA.



A assinatura do contrato da UTANGA com a LD Didactic.

Segunda língua oficial portuguesa: língua mirandesa

“O quê? Existe uma segunda língua oficial portuguesa? E chama-se língua mirandesa? Só tinha ouvido falar dos bifes!”

Pois é. Existe mesmo. E nem é difícil de falar! Basta incorporar um visiense, um transmontano, um alentejano (sim, sotaque transmontano e alentejano ao mesmo tempo!), e castelhano, nasalar a voz e está feito! Ou pelo menos foi o que nos pareceu quando tentámos começar a ler mirandês.

Experimente ler este pequeno texto e diga-nos o que lhe parece:

“La Lhéngua Mirandesa, doce cumo ua meligrana, guapa i capechana, nun yê de onte, detrasdonte ou trasdontaine mas cunta cun uito séculos de eijistêcia. (...)”

Hoije recebiu bida nuôba. Saliu de l absedo i de l cenceinhoan que bibiu tantos anhos. Deixou de s'acruçar, znudou-se de la bargonha, ampimponou-se para, assi, poder bolar, strebolar i çcampar l probenir. (...)”

Lhibre, cumo l reoxenhor i la chelubrina, yá puôde cantar, yá se puôde afirmar.

A la par de l Pertués, a partir de hoi-je, yê lhuç de Miranda, lhuç de Pertual.”

Para uma incorporação profissional aconselhamos-vos a falar com uma médium - ou com um médium, não discriminamos géneros!

É mesmo uma misturada, mas ainda assim a língua é falada no concelho de Miranda do Douro e em três aldeias do concelho de Vimioso, contando com cerca de 15 mil falantes. Tem três subdialetos (sim, como se já não fosse complicado o suficiente falar mirandês): central ou normal (normal... Ah! Boa piada!), setentrional ou raiano e meridional ou sendinês. Até parece “O Senhor dos Anéis”.

A língua mirandesa continua a passar de pais para filhos (como as histórias do relógio de bolso do tetravô, que já não funciona mas continua a passar de geração em geração), e em 1882 começou a ser estudada e a ser posta no papel por José Leite de Vasconcelos. Para quem fala este dialeto, este tem um valor inestimável e acaba por ser uma característica daquela comunidade, algo que os distingue, que os envaidece e que devia envaidecer todo o Portugal.

O mirandês é atualmente estudado por centros de investigação portugueses como o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e pela Universidade de Coimbra.

A convenção ortográfica foi estabelecida em 2008 com vista a facilitar a aprendizagem e a difusão desta língua que desde então se consagrou como segunda língua oficial portuguesa.

Há mirandês no Photoblog, na Biquipédia e um bom site para os mais curiosos (ou para os mais corajosos): <http://mirandes.no.sapo.pt/>.

Se está mais numa de aprender enquanto ‘brinca’, temos boas notícias para si! Há dois livros do Asterix em mirandês. Fãs do Asterix, aventurem-se!



Vista de Miranda do Douro.

Ciclo de Cinema na Gulbenkian

A internacionalização do cinema português

Está a decorrer atualmente o ciclo de cinema Harvard na Gulbenkian – diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo. A próxima sessão será já dia 14 de fevereiro com o filme “Xavier”, dando assim início ao fim de semana cuja temática é “cinema num tom menor”. O gabinete de comunicação da AULP falou com o coordenador deste projeto, António Caldeira Pires, para perceber melhor esta iniciativa.



Harvard tem vindo a promover o cinema português através da cinemateca Harvard Film Archive que foi fundada em 1979.

Este ciclo de cinema consiste num programa de 12 fins de semana, em que se dá destaque a um cineasta português. Com a participação de colegas estrangeiros, o objetivo é promover o debate sobre as semelhanças entre o filme português e outros filmes internacionais. Relativamente à primeira sessão do ciclo, António Caldeira Pires afirma que “está a pôr-se o cinema de António Reis num contexto internacional, com os seus pares internacionais”.

António Caldeira Pires refere ainda a importância histórico-cultural de algumas destas peças. “Há uma preocupação museológica neste ciclo, que é apresentar os filmes no seu suporte original”. Esta preocupação fez com que já viessem para a Gulbenkian as cópias dos filmes em 16mm, sendo que atualmente

a maioria dos filmes são no formato digital. Dada a complexidade do equipamento a Gulbenkian sentiu a necessidade de chamar uma projecionista do Canadá.

“É muito acessível. Para estudantes é €3,5, o equivalente a duas cervejas”, brinca António Caldeira Pires. Mas para quem não é estudante, pode assistir a este ciclo por um valor inferior ao de um bilhete normal de cinema, ou seja, por €5.

Um olhar sobre a história do cinema...

Foi a 28 de dezembro de 1895 que se deu a primeira sessão de cinema. Teve lugar no *Grand Café de*

Paris, onde foi inaugurado o *Cinématographe Lumière*. Tratava-se de um único plano de um comboio a entrar na estação o que criou o pânico dos espectadores e fez com que estes fugissem para a saída ("L'Entrée du train en gare de la Ciotat").

Só em 1948 é que chega a televisão e são vendidos 14 mil aparelhos. Em 1949 venderam-se 172 mil, e 32 milhões em 1955. Com esta mudança de hábitos de lazer, começou o fim da era dos estúdios.

O facto de começarem a existir emissões regulares de televisão a partir de 1957 faz com que a televisão se torne o meio ideal para transmissão da ideologia do Estado - uma das razões para a crise do cinema português antes da década de 60 (em 1955, não houve uma única longa metragem portuguesa produzida, sendo este o chamado ano zero do cinema português).

Apesar disso, em 1959 e 1960 foram criadas duas entidades que ajudaram a divulgação e criação de filmes, a Cinemateca e o Fundo do Cinema. São passados filmes, nomeadamente, da *nouvelle vague* portuguesa.

A partir deste período, as novas preocupações dos filmes são o realismo, a ilustração da condição do Homem mas distanciando-se da perspetiva classicista, pela condição do povo. Há uma rutura de género e de estilo. Jovens cineastas, com educação na área, juntam-se a este novo movimento vanguardista de cinema.

O 25 de abril de 1974 deu um fôlego a esta onda de cinema, nomeadamente em relação a documentários e filmes de ficção que abordam o tema - é o chamado cinema militante dos anos 70. Em relação à *nouvelle vague*, este cinema tem semelhanças a nível de técnicas de cinema, mas o protagonista passa a ser outro - é a classe social.

5. cinema num tom menor

com a presença de

manuel mozos
martín rejtmán
denis côté

SEXTA-FEIRA 14 FEV 2014

18h15 *xavier* (1992) / 100'
manuel mozos
debate

SÁBADO 15 FEV 2014

15h00 *curling* (2010) / 96'
denis côté
debate

18h15 *silvia prieto* (1999) / 92'
martín rejtmán

DOMINGO 16 FEV 2014

15h00 *entretenimiento elemental para actores* (2009) / 62'
martín rejtmán

18h15 *les lignes ennemies* (2010) / 43'
bestiaire (2012) / 72'
denis côté
debate final

6. depois de vanda

com a presença de

albert serra
nicolás pereda
tomita katsuya

SEXTA-FEIRA 7 MAR 2014

18h15 *história de la meva mort* (2013) / 148'
albert serra
debate

SÁBADO 8 MAR 2014

15h00 *los mejores temas* (2012) / 103'
nicolás pereda
debate

18h15 *saudade* (2011) / 167'
tomita katsuya

DOMINGO 9 MAR 2014

15h00 *acima das nuvens* (2003) / 114'
tomita katsuya

17h30 *juntos* (2009) / 73'
nicolás pereda
debate final

A opinião dos estudantes

Qual o seu filme português favorito?

No âmbito da Harvard na Gulbenkian – diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo, a AULP foi à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) saber qual o filme português favorito dos estudantes universitários.



A tela era a preto e branco. Marcou muitas gerações. Quem esqueceu o Crime do Padre Amaro ou Vasco Santana na loja de Evaristo a perguntar “Ó Evaristo, tens cá disto”?

A cor passou a dar luz às salas de cinema, mas as histórias retratam o antigamente. A adaptação ao mundo do cinema de grandes clássicos literários portugueses resistiu ao digital e continua a fazer caminho na história do cinema.

“Os Maias”, os filmes de Manoel de Oliveira ou a “Gaiola Dourada” são um exemplo de sucesso em terras lusas. O filme de Ruben Alves foi, por exemplo, o mais visto no ano passado e distinguido com o Prémio do Público nos últimos Prémios da Academia de Cinema Europeu. Está ainda nomeado para os “César”, os prémios de cinema atribuídos em França, na categoria de Melhor Primeira Obra.

Com a realização do luso-francês Ruben Alves, “Gaiola Dourada” utiliza uma série de clichés, como o bacalhau ou o fado, e representa os sacrifícios dos emigrantes em terras francesas e a forma de estar das primeiras gerações lusas em França.

A este elenco pertencem nomes como Joaquim de Almeida e Rita Blanco, que interpretam os papéis de José Ribeiro (chefe de obra/pedreiro) e Rita Blanco (porteira).

Pode ver todas as opiniões no VOX POP clicando na imagem.

No filme do Desassossego, a Alexandra Lencastre faz de centro de mesa em vez de ser uma personagem. Coisa que não acontece na Severa em que o centro de mesa é o melhor napperon que houver.

Gostei da Bela e o Paparazzo pois mostra bem a cidade de Lisboa. Mostra que a nossa capital tem sítios lindos que a maioria das pessoas não conhece.

A Canção de Lisboa porque é um filme de humor. É leve, é simples, é divertido... E retrata um bocadinho a essência de Portugal daquela altura.

A opinião dos estudantes

Estudar para trabalhar ou trabalhar para estudar?

Uma realidade em Portugal que abrange cada vez mais estudantes do ensino superior. Uns precisam de dinheiro para pagar os estudos, outros querem pagar as suas despesas pessoais e ganhar independência financeira. A lei prevê esta situação, mas apesar da existência de um regulamento colocam-se algumas questões. O estatuto funciona? As empresas preferem contratar estudantes sem o estatuto? O que é preciso mudar?



Em Portugal, o trabalhador estudante tem direito a pedir à empresa o dia do exame e o dia anterior ao mesmo. No entanto, alguns alunos decidem não solicitar o estatuto na empresa com receio de que o contrato não seja renovado, como é o caso de João Domingues, estudante de Farmácia. Patrícia Lopes, estudante de Relações Públicas e Comunicação Empresarial acredita no oposto - que as empresas valorizam quem estuda e trabalha, pois à partida são pessoas que fazem uma gestão eficaz do tempo.

Mas esta não é a única regalia. Na faculdade, os alunos têm direito a uma época especial de exames em todas as disciplinas. No entanto, alguns alunos apontam para o elevado valor desse exame. Patrícia Lopes, aluna da Escola Superior de Comunicação Social diz que paga 10,25 euros por cada exame feito nessa época.

Embora a maioria dos estudantes entrevistados acreditem que vale a pena requerer o estatuto, estes referem que há aspetos a melhorar. Sofia Silva defende que devia existir uma melhor comunicação interna, pois muitos professores desconhecem quais

os alunos que têm o estatuto trabalhador estudante: "A professora deu-me zero na participação desconhecendo que eu trabalhava. Eu informei-a e ela deu-me quinze valores."

Ainda que exista um regulamento para o estatuto, este é aplicado consoante o professor que leciona a cadeira - o modo de avaliação do aluno é decidido pelo docente. Além disso, o estatuto do trabalhador estudante só pode ser pedido caso o aluno tenha apresentado aproveitamento escolar no ano anterior.

O estudante de Farmácia, João Domingues, defende que devia existir uma fiscalização que certifique o cumprimento do estatuto. Na sua opinião, faz falta a existência de um incentivo às empresas para que estas não rejeitem estudantes.

Apesar de todos os prós e contras, os entrevistados acham que vale a pena requerer o estatuto mesmo que existam aspetos a melhorar.

Veja as opiniões dos estudantes na VOX POP clicando na imagem.

Rui Almeida Simões, professor e investigador

"Em Macau, tirar um curso é uma coisa que é vista com uma grande seriedade. Não é uma fase da vida"

Rui Simões é um dos portugueses que já lecionou fora do país. Em entrevista, o professor partilhou a sua experiência em Macau, as dificuldades e as diferenças entre o povo português e macaense. Apesar do choque de culturas evidente, considerou a sua experiência gratificante e que a mesma lhe permitiu mudar a sua forma de dar aulas.

AULP - Que benefícios lhe trouxe esta experiência enquanto pessoa, professor e investigador?

RS - É difícil dissociar as coisas. A primeira é relacional. Tive sorte com os meus alunos e, independentemente dessa diversidade, as pessoas foram muito simpáticas. Construí boas relações ali. Voltei a Macau 15 anos depois e vários alunos vieram ter comigo para marcar um encontro. Há uma empatia grande entre nós. A segunda é de uma dimensão didática: foi um processo lento e pontualmente mais doloroso. Alguns dos alunos tinham dúvidas e não as enunciavam. Não era raro ter alunos, principalmente chineses, que julgavam que dizer ao professor que não entendiam era uma forma de dizer que este não tinha explicado bem.

AULP - Quais as principais dificuldades em lecionar num país que não o de origem?

RS - Macau é uma situação singular. Trata-se de um contexto onde uma das línguas oficiais é a língua portuguesa. Em Macau tive alunos metropolitanos (naturais de Portugal), alunos macaenses, chineses, cantonenses, guineenses, cabo-verdianos, angolanos, australianos e americanos. A diversidade foi muito grande e isso trazia variáveis na ordem de funcionamento de uma aula. Os problemas de comunicação não eram exclusivamente do professor, mas também entre eles.

AULP - O impacto cultural foi grande quando foi para Macau?

RS - É evidente que há um choque e esse choque em parte era muito desejado. Não era a primeira

vez que eu tinha saído de Portugal: já tive uma bolsa para estar na Índia. Não foi uma saída desenhada com uma estratégia económica, apesar de muitas pessoas o terem feito. Eu tinha condições para o fazer e tinha um enorme desejo de viver na Ásia, em particular na China e Macau.

AULP - Quais são as maiores diferenças culturais entre Portugal e Macau?

RS - Há diferenças que são relacionadas com os mercados muito dinâmicos, a relação com o tempo, o aforro, as noções de privacidade... As pessoas não me convidavam para as suas casas, mesmo que tivéssemos uma enorme empatia. Nesses sete anos e meio devo ter sido convidado duas ou três vezes para ir a casa de amigos chineses.

AULP - O que difere de uma aula em Macau para uma aula em Portugal?

RS - Difere, por exemplo, no domínio da participação. Em Macau havia uma maior noção de que uma aula converge para um determinado tipo de finalidade. As pessoas estavam a trabalhar para esse fim, com maior ou menor interesse. Uma vez dois alunos vieram-me perguntar o que queria dizer a palavra "keké". Estavam intrigadíssimos. Até que percebi que eram cinco palavras que estavam em causa: "o que é que é". A partir daí comecei a falar mais devagar. Parecia que estava o tempo todo a fazer anúncios de cola para dentaduras (risos). Foi uma preocupação que eu ganhei, em especial com alguns alunos e turmas. É uma diferença que julgo ser mais histórica do que cultural.

AULP - A forma como dava as aulas modificou-se depois de passar por essa experiência?

RS - Eu penso que sim. Modificou-se em relação a algumas práticas que mais tarde vim a refletir. Para as pessoas dominarem um determinado algoritmo, precisam de um determinado número de exemplos.



Percorso Académico: Rui Simões é professor adjunto da Escola Superior de Comunicação Social, onde tem vindo a lecionar as disciplinas de Sociologia, Antropologia, Metodologias de Investigação e a opção de Comunicação Intercultural. Foi professor da Escola Superior de Educação de Setúbal (1986-1992), da Universidade de Macau e do Instituto Politécnico de Macau (1992-1999). Os principais temas de pesquisa são a Comunicação, a Educação, o Lúdico e os Processos de Construção da Memória, nomeadamente associados à presença portuguesa na Ásia. Foi investigador na Índia e é Mestre em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Percebi ainda que o facto de uma pessoa ter experiência, por exemplo, em dar cultura portuguesa a chineses, não o torna só por isso mais apto a dar cultura portuguesa a espanhóis ou a franceses.

AULP – Acha que em Macau se valoriza mais a educação do que em Portugal?

RS - Acho que sim. Encontramos isso, mas acho que a diversidade de alunos e das suas motivações faz com que haja exceções. Digamos que o empreendimento para fazer um curso é maior. Em Macau, tirar um curso é uma coisa que é vista com uma grande seriedade. Não é uma fase da vida. Não se é estudante, tem-se um curso para fazer. Estudar em Macau era caro e por isso a ideia de perder um ano era um drama. O esforço era marcado e as famílias tendiam a valorizar muito a escolarização. Ter uma nota baixa, para muitos daqueles alunos, era humilhante. Os alunos que estudavam em Pequim eram os melhores, dos melhores, dos melhores. Quando chegavam eram autênticas máquinas de trabalho. O português era-lhes uma língua estrangeira. Recordo,

que uma vez recomendei um livro português a alunos que frequentavam um curso de verão. Dois dias depois tinham lido tudo, apesar de ser numa língua que lhes era difícil. Era necessário ter respeito por quem trabalhava assim.

AULP – Recorda Macau com nostalgia...

RS - Sim. Foram sete anos gratificantes, sobretudo a nível relacional. Estive há dois anos atrás em Macau e está completamente diferente. As diferenças não são só no património edificado. Há diferenças de população, novas gerações, novos interesses, novas preocupações. E esse dinamismo requiere a humildade de aprender um contexto que não se recapitula obrigatoriamente na memória.

Problemática do choque cultural: Para lidar com o choque cultural, é necessário, através da observação que se decida a forma como abordar pessoas e situações. Depois há que tornar as coisas claras com o método de tentativa e erro. Por fim tem de se ser imparcial, paciente, esperar o inesperado e ter capacidade de adaptação. O choque cultural pode ser visualizado como uma curva em forma de U que exhibe um otimismo inicial sobre a cultura de acolhimento, um mergulho subsequente de sentimentos sobre a cultura de acolhimento e uma recuperação gradual a um ponto de se ser capaz de funcionar eficazmente na nova cultura.

Fonte:

Samovar, Larry A. & Porter, Richard E. (2010). Communication between cultures. Belmont: Wadsworth, pp. 398-399.

Filipa Subtil, doutorada em Ciências Sociais

“Hoje em dia convidem-me que eu vou! Perdi o medo de dar aulas em inglês”

Foi aos 17 anos que teve a sua primeira experiência de mobilidade - fez InterRail pela Europa. Já na universidade, quando o Programa Erasmus ainda era recente, esteve três meses em Itália. Se a carteira lhe permitisse, participava em mais programas de mobilidade. Deu aulas ao abrigo do Erasmus na Universidade Autónoma de Barcelona, em 2011, e na Universidade Yeditepe na Turquia, em 2013. Apesar de ter recebido convites para fazer Erasmus na Polónia e Itália, o próximo destino já está escolhido – Atenas, na Grécia.

AULP – Quais as vantagens em fazer Erasmus?

FS – São todas (risos). Fazer Erasmus é fundamental do ponto de vista académico: conhecer outro ambiente, outros colegas, outro plano de estudos, lecionar a estudantes que têm um *background* e uma cultura diferente da nossa, dar a conhecer o nosso país e a nossa realidade... Sim, porque ninguém nos conhece. Nós só somos notícia quando há uma grande catástrofe ou quando morre alguém conhecido internacionalmente como a Amália ou o Eusébio. Estes programas são importantes para dar a conhecer o nosso país.

AULP – Porquê Istambul e Espanha?

FS - Foram duas situações diferentes. No caso da Universidade Autónoma de Barcelona eu já tinha recebido na ESCS vários colegas ao abrigo do Programa Erasmus. Um deles sugeriu-me que eu me candidatassem e foi assim que fui a primeira vez. No caso de Istambul foi porque eu nunca tinha ido à Turquia e tinha uma grande curiosidade.

AULP – Quanto tempo foi para a Turquia e para a Espanha?

FS – As estadias podem ser mais ou menos prolongadas, mas eu fui sempre em estadias curtas. Para Barcelona fui à quarta-feira e vim ao domingo. Dei intensivamente um dia de aulas (7 ou 8 horas) e depois fiquei para o fim de semana. Na Turquia dei dois dias de aulas.

AULP – Porquê tão pouco tempo?

FS – Por duas razões. Primeiro, porque se estes intercâmbios fossem mais prolongados trariam proble-



O InterRail é uma oportunidade excelente para viajar e conhecer novos locais e culturas.

mas do ponto de vista da gestão das minhas aulas em Portugal. Para além disso, este intercâmbio tem custos para os docentes.

AULP – Os docentes têm direito a bolsa quando fazem Erasmus?

FS – Sim. Existe uma bolsa, mas esta não cobre os gastos todos. A viagem é paga pelo programa e depois só podemos ter ajudas de custo durante três dias, sendo os outros dias à nossa responsabilidade. Ou vamos só mesmo os três dias, mas mesmo assim esse fundo de maneiio não cobre todos os gastos, ou temos de investir dinheiro nosso. Por exemplo, na Turquia os hotéis são caríssimos. Um hotel de três estrelas em Istambul são 150 euros e o meu fundo de maneiio diário eram 90. Ou seja, tem de haver um investimento pessoal por parte dos docentes, o que hoje em dia é complicado. Estamos com cortes salariais de ano para ano. Em 2014 era para fazer outra vez, mas estive a fazer contas e percebi que não podia.



Percorso Académico: Filipa Subtil é doutorada em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa. É professora na Escola Superior de Comunicação Social desde 1998, onde leciona na licenciatura e no mestrado. Foi visiting scholar no Departamento de Communication Studies da Universidade do Iowa, Iowa City (2010), e no Mulhenberg Collegue, nos EUA (2008). Os seus interesses de investigação têm-se centrado na sociologia da comunicação e na teoria social da comunicação e dos media nos EUA e Canadá, áreas onde tem publicado artigos e capítulos de livros. Publicou, em 2006, o livro *Compreender os Media. As Extensões de McLuhan* (MinervaCoimbra).

AULP – Mudava algo no programa?

FS – Seria positivo que fosse mais tempo, pois isso facilitaria criar redes mais sólidas com as respetivas universidades e com os respetivos docentes. Para se formarem redes de possível investigação ou colaboração futura, estes *timings* são muito diminutos. Para além disso, é um investimento pessoal muito grande para se ir trabalhar. Eu já pensei várias vezes em ir para Estocolmo, mas tem um custo de vida muito elevado e por isso não posso ir. Aqui na ESCS há muitos docentes que não estão a ir por essa razão, por motivos económicos. Muitos não vão também porque não dominam suficientemente o inglês. Eu, por exemplo, não tenho filhos. No entanto, tenho colegas que tem dois e três filhos que não conseguem fazer Erasmus porque têm outras despesas, acabando por não ir.

AULP - A candidatura ao programa é um processo simples ou moroso?

FS – É um processo bastante simples. Há um período de inscrição em que a pessoa se propõe e depois preenche um pequeno formulário. Depois, ou é o gabinete de relações internacionais que inicia

a relação com o gabinete da universidade para a qual vamos, ou, como foi o meu caso, já trazemos um contacto obtido por nós. Não é complicado nem moroso.

AULP – Como é que é dar aulas num país culturalmente tão diferente do nosso?

FS – Em Espanha foi relativamente fácil, pois a língua é semelhante. No caso de Istambul há diferenças significativas e ia mais receosa porque nunca tinha dado aulas em inglês. A maior parte dos estudantes falavam esta língua, mas eu pensava que falavam melhor. Depois percebi que o meu nível de inglês não era inferior ao deles. Hoje em dia convidem-me que eu vou! Perdi o medo de dar aulas em inglês. Uma coisa é dar aulas em inglês em países em que essa é a língua nativa, como na Inglaterra ou nos EUA. Quando estamos em espaços culturais em que a língua mãe não é o inglês, nós acabamos por estar todos mais ou menos ao mesmo nível. Eu não fui para a universidade pública, onde provavelmente a minha experiência seria completamente diferente. É uma universidade com conexões e financiamento dos EUA, ou seja, muito anglo-saxónico.

ca, começando pelo próprio campus universitário. Quando cheguei parecia que estava na América. Todo murado, com uns edifícios lindíssimos, com uns jardins fabulosos... Aquilo no meio do caos urbanístico. Parecia uma coisa saída de outro filme.

AULP – Mas os alunos eram turcos?

FS – Sim. Foram pessoas muito recetivas e curiosas, principalmente na segunda sessão em que falei no sistema mediático português. Nós vivemos num país pequeno que é muito desconhecido fora. Então se formos para a Turquia, a maior parte das pessoas não sabe onde fica este cantinho e desconhecem a nossa história. Conhecem o Cristiano Ronaldo, mas não conhecem mais nada. Senti-me na obrigação de começar a minha apresentação com uma caracterização da sociedade portuguesa.



A Universidade Yeditepe em Istambul, na Turquia.

AULP – Quem sugere os temas a lecionar?

FS – Somos nós que propomos, mas a universidade que nos recebe pode propor alguma coisa em particular. Normalmente o tema é escolhido de acordo com os interesses do docente.

AULP – Aconselhava outros colegas a fazer Erasmus?

FS – Aconselho todas as pessoas a passar por esta experiência. Não só os professores, mas também os alunos. No caso dos estudantes acho fundamental esta mobilidade porque no sul da Europa sai-se muito tarde de casa dos pais, temos mães muito “galinhas”, e há muita liberdade, mas pouca autonomia. Por isso, acho fundamentais os estudantes saírem, conhecerem outras realidades, terem de gerir o seu dinheiro, resolver os seus problemas, estar longe de casa, conhecer outras pessoas, outras línguas.

AULP – Acha que a mobilidade de estudantes é mais divulgada do que a de professores?

FS – É muito mais. Acho que o apoio financeiro concedido aos estudantes é superior ao concedido aos docentes. Contudo, no caso dos professores existem outras possibilidades de mobilidade, há outros programas, como ao nível da investigação. O docente pode fazer mobilidade por outras vias que não esta. No caso dos estudantes penso que o Programa Erasmus é a via mais conhecida e utilizada.

AULP – Acha que o programa funciona?

FS – Eu sou absolutamente favorável a este tipo de programas e acho fundamental para a Europa porque se no caso dos EUA existe uma língua que unifica todo aquele continente, na Europa nem todos os países têm a mesma língua. Desconhecemo-nos profundamente uns aos outros, há diferenças históricas e o Programa Erasmus é fundamental para que os povos da Europa se conheçam melhor.



A Universidade Autónoma de Barcelona, em Espanha.

Fazer Erasmus é fundamental do ponto de vista académico: conhecer outro ambiente, outros colegas, outro plano de estudos, lecionar a estudantes que têm um background e uma cultura diferente da nossa, dar a conhecer o nosso país e a nossa realidade...

Aconselho todas as pessoas a passar por esta experiência. Não só os professores, mas também os alunos.

Murade Murargy, Secretário Executivo da CPLP

Circulação facilitada entre países da CPLP: Falta desenvolvimento e o aval português



Murade Murargy, Secretário Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Os problemas de circulação dos cidadãos da CPLP são uma das grandes preocupações do Embaixador Murade Isaac Miguigy Murargy.

Há muito que se discute a situação dos vistos dentro da CPLP. "Eu fiz uma proposta para que fosse encontrada uma forma de facilitar a circulação dos empresários, estudantes, professores, pesquisadores, investigadores, desportistas, jornalistas e/ou artistas".

Contudo, o Secretário Executivo da CPLP lembra que "tem de haver vontade política dos países para que haja acordo. É preciso que os Estados/governos digam que estão preparados para abrir o espaço". Mas acrescenta que o mais difícil é mesmo entrar em Portugal. "Se houver abertura de Portugal para entrar neste jogo, todos os países vão ceder".

A dificuldade de entrada em Portugal centra-se no compromisso dos países europeus sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários, assinado em 1991, o Acordo de Schengen.

Para Murade Murargy, a situação da proposta apresentada para a circulação entre países da CPLP tem aqui um grande entrave. "Schengen faz com que Portugal esteja com as mãos atadas. Não tem autonomia suficiente para poder decidir a circulação no espaço porque alguém que entra em

Portugal está autorizado a circular nos países que assinaram esse acordo. Então tudo o que diz respeito à circulação de pessoas em Portugal tem de passar pelas autoridades de Bruxelas. Tem que haver um acordo em Bruxelas e isso não é fácil".

Como se não bastasse este grande obstáculo, existe também o problema dos países africanos ainda não terem mecanismos suficientes de controlo de entradas e saídas do território. "Os países têm de ser organizados. Quando se entra num país, ele tem de saber onde é que a pessoa está e o que está a fazer. Os nossos países não estão preparados para isso. Sobreretudo Angola e Moçambique ainda não têm mecanismos de controlo afinados para controlar quem entra e quem sai. É preciso que os países africanos estejam preparados para monitorar a circulação das pessoas dentro do seu espaço porque a circulação livre e sem controlo traz problemas sérios".

A CPLP está determinada em conseguir mudar esta situação de circulação nos países pertencentes à comunidade e Murade Murargy referiu que estão a trabalhar para esse mesmo objetivo. "Estamos a trabalhar para que haja acordo. A proposta que eu tenho é para que seja concedido o visto rapidamente para possibilitar as pessoas de entrarem no país que querem para exercer a sua atividade".

O Secretário Executivo realçou ainda que a CPLP deve desenvolver o seu trabalho a pensar nos indivíduos e para conseguir esse objetivo tem de haver circulação de pessoas e de conhecimento. "A CPLP tem de ser do cidadão e para ser do cidadão tem de haver circulação. Se é difícil que todos circulem então comecemos pelos que vão participar na construção da sociedade. Tem de haver circulação de conhecimento".

A CPLP está também a laborar na criação de uma agenda comum entre os países da comunidade para que se possam discutir mais facilmente assuntos importantes para o desenvolvimento da comunidade, como por exemplo: educação, saúde, ambiente, energia, entre outros.

Ricardo Barradas

Jovens no mercado de trabalho: escassez de oportunidades ou excesso de qualificações?

É hoje um facto praticamente inegável que os jovens portugueses enfrentam um mercado de trabalho bastante severo, sobretudo para todos aqueles que procuram agora iniciar uma determinada carreira. Na generalidade dos casos, os jovens recém-formados depaeram-se com a inexistência de grandes oportunidades que lhes permitam pôr em prática os conhecimentos que adquiriram durante anos. Reina a precariedade e os contratos laborais são pautados por estágios (pouco ou nada remunerados) que não permitem uma inserção plena na vida activa. As expectativas estão arrasadas e para muitos a solução passa apenas pela emigração, uma forma mais ou menos expedita para a auto-realização a nível pessoal e/ou profissional. Em traços gerais, o país investiu na formação destes jovens, os quais não conseguem devolver-lhe agora o respectivo retorno por não existirem oportunidades de demonstrarem na prática o valor acrescentado que poderão gerar.

Várias teorias são apontadas como causas para este problema e todas elas acabam por explicar uma parte da questão. Uns alegam que as empresas não vendem, dada a actual perda de robustez da economia portuguesa, pelo que as necessidades de se efectuarem novas contratações são praticamente inexistentes. Outros argumentam que a rigidez do mercado de trabalho dificulta esse processo. Por um lado, as empresas não conseguem despedir os trabalhadores mais ineficientes dos seus quadros, dado os elevados custos que isso acarreta. Por outro lado, as empresas têm medo de efectuar contratações de colaboradores mais jovens, dado que futuramente poderão ter de os dispensar e com isso defrontarem-se com custos adicionais de despedimento. Há ainda os que reiteram que os jovens têm agora demasiadas qualificações para as necessidades do país. Várias vozes ecoam de que o país precisa mais de “sapateiros” e menos de “doutores”, dada a estrutura da nossa capacidade produtiva caracterizada sobretudo por pequenas e médias empresas. Ainda temos os que apontam o dedo aos sindicatos, os quais tentam proteger os trabalhadores mais antigos



Ricardo Barradas, 27 anos, é docente na Escola Superior de Comunicação Social. Formado em Economia pelo ISCTE-IUL, Ricardo Barradas conta com uma vasta experiência profissional nas áreas das Finanças e Economia.

do sistema e, nesse contexto, promovendo directa ou indirectamente uma menor protecção dos menos sindicalizados – os jovens. E, finalmente, existem mais uns quantos que responsabilizam o governo, dada a inexistência de políticas activas que promovam a criação de emprego de forma permanente. Para uns, o problema centra-se no lado da procura e na escassez de estímulos direccionados para todas as empresas que contratem trabalhadores jovens e qualificados de forma contínua. Para outros, o problema reside no lado da oferta e na inexistência de políticas promotoras do empreendedorismo e do auto-emprego.

Neste enquadramento, importa reflectir sobre as soluções que podem ser adoptadas para uma maior empregabilidade dos jovens portugueses. Aqui, as universidades da Comunidade de Países de Língua Portuguesa deverão continuar a ter um papel crucial. Por um lado, as universidades devem continuar a contribuir para a formação dos jovens, não só fornecendo-lhes as qualificações tradicionais, mas também competências e habilitações mais transversais e orientadas para um mercado laboral cada vez mais exigente e global. Deve continuar a dar-se primazia ao fomento do espírito crítico, criativo e empreendedor; ao domínio das línguas e das tecnologias de informação e de comunicação; e à inter-

nacionalização, proporcionando experiências académicas em que se estabeleçam contactos com outros povos e culturas. Concorrentemente, as universidades deverão continuar a privilegiar um contacto mais eficiente com potenciais empregadores dos seus alunos, dinamizando feiras de emprego, gabinetes de estágios e inserção profissionais e/ou apoiando todos os seus alunos que queiram pôr em prática projectos empreendedores, ao nível da consultoria e, porventura, do financiamento. Além disso, as universidades devem ter um papel ainda mais

proactivo com a comunidade onde estão inseridas, sobretudo com o tecido empresarial, acentuando as sinergias e parcerias na implementação de projectos de investigação e desenvolvimento. Só assim, o know how da academia poderá ser posto ao serviço da economia real e vice-versa, o que certamente reforçará a transferência de conhecimentos e, por conseguinte, os níveis de competitividade do país.

Ricardo Barradas (este artigo foi escrito em concórdância com o antigo acordo ortográfico)

Cláudia Pacheco - Rota Jovem

A mobilidade internacional e a juventude



Cláudia Pacheco é responsável de comunicação e imagem da Rota Jovem.

Viajar e procurar novos horizontes é a definição de um estilo de vida e de uma necessidade do ser humano. Há cada vez mais informação a percorrer o globo numa questão de minutos, assim como uma disseminação de vivências que deixam de ser meramente locais para terem impactos globais.

Com base nesse pressuposto, não é surpreendente que se evidencie a importância da mobilidade para a construção e desenvolvimento pessoal e

profissional dos jovens. Ainda que estes foquem os processos de mobilidade essencialmente para a empregabilidade e para a formação académica (onde se destaca o Programa Erasmus/ Erasmus Mundus), existe uma panóplia de experiências de aprendizagem internacional ainda pouco conhecida que permite reforçar paralelamente à educação formal a sua capacitação pessoal (onde se destaca a capacidade de arriscar, os processos de autoconhecimento ou a aprendizagem de uma nova língua e cultura).

Projetos mais estruturados como os intercâmbios e os cursos internacionais, os programas de voluntariado internacional (onde podemos destacar o Serviço Voluntário Europeu) e os *workcamps* são apenas alguns exemplos de processos de mobilidade que não incluem somente o conceito de viajar, e que proporcionam experiências únicas aos jovens. Nessa lógica é possível descobrir ofertas ainda mais variadas, destacando-se a título de exemplo as experiências de Gap Year solidários e os projetos de *Woofing*. Por outro lado, até a forma de viajar pode ser diferente e provocar um maior contacto com as comunidades locais, o que em parte explica o crescente sucesso das iniciativas de *Couchsurfing*.

Todas estas experiências são promotoras de mudança e transformação pessoal, reforçando o desenvolvimento de capacidades sociais e culturais que apenas o contacto com outras culturas e



A Rota Jovem é uma associação juvenil, sem fins lucrativos, sediada em Cascais, Portugal, que promove e apoia atividades para jovens desde 1992.

línguas pode criar, numa lógica de valorização das sociedades multiculturais. Destes processos saem então jovens capacitados enquanto indivíduos independentes e melhor adaptados a diferentes contextos. É ainda de realçar que qualquer um destes cenários estimula a aprendizagem pelo contacto com novas pessoas e culturas, valorizando a perpetuação de uma cidadania ativa e responsável.

Naturalmente, nem sempre os processos de adaptação são fáceis, especialmente quando a nova realidade onde os jovens se inserem é muito diferente daquela que conhecem, e as diferenças culturais podem ser promotoras de barreiras difíceis de transpor. A adaptação sai facilitada quando se criam laços com a comunidade local e desenvolvem amizades, já que é estabelecida uma ponte para o “mundo exterior”. Essa é também uma ótima defesa que ajuda a diminuir as saudades de casa e do ambiente de conforto habitual, o que permite criar espaço para absorver as vantagens da experiência de forma mais imediata.

Ao nível da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), a existência de programas e projetos oficiais de mobilidade juvenil entre países-membro e a restante Europa pode estimular o aparecimento

de novos fluxos mais individualizados, tornando os países mais atrativos aos olhos de um jovem à procura de oportunidades. São reforçados laços de amizade entre os países envolvidos e promove-se uma partilha cultural que tendo uma base por vezes comum, é única e merece ser valorizada (até porque é geradora de interações que podem ser atrativas para jovens que procurem uma realidade diferente, mas que não seja necessariamente oposta à sua). A língua, comum a todos, sai também enriquecida pela exploração dos dialectos locais em si originados, o que permite compreender em parte a herança histórica que interliga estas nações.

Por esse motivo, e ainda que a procura por projetos a ocorrerem na CPLP possa não ter uma dimensão tão grande quanto a desejada quando comparada, por exemplo, com a Europa (o que por sua vez também resulta de uma oferta de menor dimensão), o reforço das relações entre organizações políticas, organizações não governamentais, assim como juvenis, sociais e culturais em cada país pode estar na origem do aparecimento de um novo fluxo de mobilidade. E é certamente através da construção de uma rede complexa de oportunidades e da sua disseminação eficaz junto do público-alvo que se podem promover futuros ambientes de cooperação frutíferos.



AULP
EX UNITATE VIS

Prémio Fernão Mendes Pinto 2014

A AULP, o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P. e a CPLP apresentam novamente o prémio Fernão Mendes Pinto. A melhor tese de mestrado ou de doutoramento que contribua para a aproximação das Comunidades de Língua Portuguesa, defendida durante o ano de 2013, será galardoada com um prémio de 8.000€.

Candidaturas até 31 de julho de 2014.



AULP
EX UNITATE VIS



INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL

Regulamento aprovado pelo Conselho de Administração da AULP a 28 de janeiro de 2008

Av. Santos Dumont, nº 67 – 2º · 1050-203 Lisboa - Portugal · Internet: www.aulp.org
Telefone: (00351) 217 816 360 / 8 · Fax: (00351) 217 816 369 · E-Mail: aulp@aulp.org

Atividades AULP 2014

Fevereiro

- 5 - Lançamento da Newsletter 4
- 28 - Reunião do Conselho de Administração da AULP em Macau

Março

- 11 - Conferência da Língua Portuguesa, Sociedade Civil e CPLP em Aveiro, Portugal

Maio

- 5 - Comemorações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, em Paris e Luxemburgo
- 5 - Apresentação dos vencedores dos prémios Fernão Mendes Pinto de 2012 e 2013
- 15 - Lançamento da Newsletter 5
- 25 a 30 - Participação da AULP na NAFSA (Associação Internacional de Educadores) *Annual Conference & Expo*, em São Diego, Califórnia.

Junho

- 9 a 11 - XXIV Encontro da AULP em Macau
- Reunião do Conselho de Administração da AULP
- Lançamento da 26ª Revista Internacional de Língua Portuguesa
- Lançamento do Livro de Atas do 23º Encontro da AULP em Minas Gerais (2013)

Setembro

- 5 - Lançamento da Newsletter 6
- Conferência da Língua Portuguesa, Sociedade Civil e CPLP na Universidade do Minho, Portugal

Dezembro

- 5 - Lançamento da Newsletter 7

